



**CAMÕES**  
POETA DO POVO  
NUM MUNDO EM MUDANÇA

V CENTENÁRIO  
1524 • 2024



# ELEMENTOS BIOGRÁFICOS DE LUÍS DE CAMÕES



## 1524/1525

Nasce Luís Vaz de Camões, provavelmente em Lisboa.

Adquiriu a sua formação humanista, talvez no Colégio da Ordem de S. Domingos.

A lírica aponta uma estada em Coimbra neste período.

O desterro para Constância, enraizado na tradição camoniana, pode ter a sua origem em amores nascidos em Coimbra.

## 1548 ou 1549

O desterro terá terminado com o alistamento para Ceuta. Daí escreve uma das Cartas que chegaram até nós. Em Ceuta, por golpe de arma de fogo, perdeu o olho direito.

## 1552

Em Lisboa, envolve-se numa briga e é encarcerado no Tronco da cidade.

## 1553

Por carta de 7 de Março, D. João III perdoa-lhe, atendendo a que «me vai este ano servir na Índia». Embarca nesse mesmo mês. Chega a Goa em princípio de Setembro.

## 1556

Parte para a China (data provável).

## 1558

Data provável do naufrágio no Camboja. O poeta perde tudo. Salva-se a ele e ao poema.



Túmulo de Camões nos Jerónimos

## 1567

No regresso da Índia, permanece três anos na ilha de Moçambique.

## 1569

Os amigos dão-lhe de comer e de vestir, pagam-lhe uma dívida e a passagem. Embarca para Lisboa.

## 1572

Publicação de *Os Lusíadas* em Lisboa.

## 1575

D. Sebastião atribui a Camões uma «tença» (pensão) de 15\$000, escassa e paga com atraso.

## 1580

Morre a 10 de Junho. Fica sepultado em campa rasa sem letreiro da parte de fora do mosteiro de Santa Ana, em Lisboa.



Painted in the exterior wall of the Jardim Horto de Camões, Constância



# CAMÕES E A SOCIEDADE DO SEU TEMPO



**P**ortugal no século XVI conserva uma estrutura social medieval. As classes dominantes assentam o seu poder nos privilégios de sangue e no controlo da propriedade fundiária e respectivas rendas.

Camões faz parte da franja mais modesta da fidalguia, que vivia do desempenho de cargos administrativos e militares.

Portugal, com apenas dois milhões de habitantes, lança-se nos princípios do século anterior na expansão ultramarina, tendo criado uma vasta rede de comércio e um vasto império marítimo.

Entretanto, tinha-se estabelecido em Portugal a Inquisição, cuja violência se irá intensificando.



Carta real da Inquisição de Castela, declarando proibida a edição de 1639 de *Os Lusíadas*.

Libros quinterista.  
Isto Nova dos Mercurios.  
Autor desc. Séc. XVI  
Imagem: MNAA



Boa parte da colossal riqueza gerada pelo comércio ultramarino (submetido ao monopólio da Coroa) esvaia-se em prebendas régias à nobreza, e operações mais rendosas eram canalizadas para os mercadores estrangeiros. A par do luxo e ostentação da aristocracia, amplas camadas da população viviam na miséria.

Os réditos não bastam para os encargos com a manutenção dum sistema gigantesco, que se estendia da África ao Extremo Oriente e ao Brasil.

Esta situação vai originar uma crise económico-financeira: os preços sobem; recorre-se cada vez mais a impostos sobre as camadas populares e a onerosos empréstimos internos e externos. A burguesia nacional, outrora influente e importante no desenvolvimento do projecto comercial oceânico, perde poder.

Alcácer-Quibir (1578) é o desenlace trágico do sonho aristocrático de retomar o predomínio no Norte de África, e haverá de conduzir à perda da independência no mesmo ano em que morre Camões (1580).



Batalha de Alcácer-Quibir.  
Elcano Regal  
e Philippe L'Esart,  
século XVI.



# OS DESCOBRIMENTOS GEOGRÁFICOS.

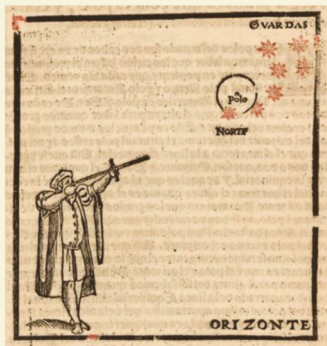
OBSERVAÇÃO,  
EXPERIMENTAÇÃO E ESPÍRITO CRÍTICO



A navegação «por mares nunca de antes navegados», que obrigou à observação de novos céus, climas e realidades que não cabiam nas limitadas representações do pensamento escolástico medieval e o contradiziam, conduziu a importantes avanços em áreas como a geografia, a cartografia e a astronomia, e ao desenvolvimento de uma nova mentalidade e espírito crítico, combatendo o obscurantismo.

A expansão portuguesa inicia-se, por determinantes razões económicas, em 1415, com a conquista de Ceuta (Marrocos), nó de duas rotas comerciais terrestres – uma que vinha do Oriente com especiarias e sedas e outra da África subsaariana com ouro e escravos. Rotas crescentemente condicionadas, quer nos territórios da rota do Oriente quer pelo próprio impacto da ocupação de Ceuta. A busca de uma rota marítima alternativa de acesso às fontes de mercadorias conduziu as navegações portuguesas cada vez mais para sul, ao longo da costa africana.

A viagem marítima até à Índia completou-se em 1498.

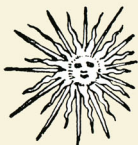


Bolastilha, para medir a altura dos estrelas e calcular a latitude.

**Inaugurou-se uma nova era no comércio mundial, abrindo caminho à crescente afirmação de um novo sistema social – o capitalismo, na sua fase mercantilista – em ruptura com o sistema de servidão feudal dominante na Europa.**

Num mundo em transição, afirma-se um sistema que – evadido das contradições e violências inerentes a todos os sistemas de exploração – é historicamente mais avançado. O que não pode fazer esquecer a realidade trágica da ampliação da escravatura e o posterior tráfico negreiro transatlântico, as guerras de submissão e de conquista, a emergência do sistema colonial – integrantes do sistema capitalista nascente, que vai impor uma brutal exploração de outros povos, durante séculos, ao mesmo tempo que submetia também o povo português e outros povos europeus ao seu domínio e exploração.

Antrolábio marítimo, para tomar a altura do Sol e calcular a latitude.



# CAMÕES NUM MUNDO EM MUDANÇA



O comércio oceânico português atinge o apogeu na primeira metade do século XVI, mas em breve está confrontado com a concorrência de outros países como a Inglaterra e os Países Baixos, que vão pôr em causa a sua hegemonia marítima.

Lisboa transformou-se numa das mais importantes cidades da Europa. O comércio ultramarino fazia prosperar uma elite mercantil (em boa parte estrangeira). Crescia a presença de escravos negros, que representavam cerca de 10% dos seus habitantes. Simultaneamente, o império marítimo exigia o êxodo de uma enorme massa de população (entre 100 000 e 150 000 fora do território).

As novas ideias renascentistas e as novas realidades que as navegações revelavam provocam questionamentos sobre o saber adquirido e a busca de novos caminhos. Em Portugal, as classes dominantes esforçam-se por conservar o poder através de diversos mecanismos de controlo social (impostos, rendas, alcavalas, ordenanças, férreo controlo ideológico), da repressão da Inquisição e da censura.

Porque, enfim, tudo passa;  
não sabe o tempo ter firmeza em nada;  
e a nossa vida escassa  
foge tão apressada  
que quando se começa é acabada.

[...]  
O bem que aqui se alcança  
não dura por possante, nem por forte:  
que a bem-aventurança,  
durável de outra sorte,  
se há-de alcançar na vida para a morte.

(Ode IX, excertos, Rimas)



Plano de Lisboa no século XVI, em Georg Braun, *Civitates orbis terrarum*.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
muda-se o ser, muda-se a confiança;  
todo o mundo é composto de mudança,  
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
diferentes em tudo da esperança;  
do mal ficam as mágoas na lembrança,  
e do bem (se algum houve), as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
que já coberto foi de neve fria,  
e, em mim, converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
outra mudança faz de mor espanto,  
que não se muda já como soía.

(Soneto, Rimas)

Camões, com a sua vida movimentada, e o seu génio, soube captar as contradições e as mudanças do seu tempo. Exalta a grandeza das conquistas portuguesas, a ousadia dos portugueses, que se lançam mais longe «do que prometia a força humana». Aponta à humanidade a aspiração às mais altas realizações, o que leva Baco a temer que «Venham Deuses a ser, e nós humanos». Mas expressa também uma consciência crítica sobre a condição humana e a fragilidade da vida, espelha as contradições e mudanças sociais, mentais, ideológicas, do seu tempo.



# UMA NOVA VISÃO DO MUNDO

## O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO E FILOSÓFICO



No caminho difícil da construção e secularização do conhecimento e de afirmação da razão humana, o Renascimento foi tempo de transição de um mundo velho para um mundo novo. Tempo de luta entre o quadro ameaçado das estruturas ideológicas medievais e os sinais vivos do advento da razão moderna.

É este espírito crítico cantado por Camões – «Vejam agora os sábios na escritura/ Que segredos são estes de natura» (*Os Lusíadas*, V, 22) – que caracteriza a constelação de homens da ciência e da cultura do Renascimento português. Entre outros, Pedro Nunes, Damião de Góis, Duarte Pacheco Pereira, Garcia de Orta, D. João de Castro, João de Barros, expressam essa visão nova, que foi capaz de ver a realidade do mundo, sempre em mudança, para assumir novas qualidades.



### Pedro Nunes

O maior matemático da Península Ibérica na sua época. Autor, entre outras obras, de *De Crepusculis* e do *Tratado da Esfera*, obras em que defende e fundamenta a necessidade de ligação da teoria à prática, do experimental ao teórico. Defendeu também a importância da utilização da matemática nas ciências positivas.



### Duarte Pacheco Pereira

Autor do *Esmeraldo de Situ Orbis*, em que defende o valor da experiência para o conhecimento científico, criticando o pensamento que não se baseava na realidade.

### Damião de Góis

Humanista que, tendo vivido na Europa, conviveu com os grandes pensadores da época, entre eles Erasmo, e procurou trazer para Portugal as ideias novas, o pensamento crítico e o espírito objectivo.

Cronista do rei, criticado pelo que escreveu na *Crónica de D. Manuel* (porque demasiado verdadeira e sem concessões à nobreza e ao rei), foi perseguido pela Inquisição, preso e



Planiférrico dito de Camino (1502).

Contém a mais antiga representação de território brasileiro que chegou aos nossos dias.



### João de Barros

Homem de vasta cultura, a sua obra mais importante são as *Décadas*, onde, além duma descrição precisa da Ásia, dos seus produtos, instituições, costumes, mostra profundo conhecimento de geografia e cosmografia.

### Garcia de Orta

Autor dos *Colóquios dos Simples e Drogas da India*, obra em forma de diálogo entre duas personagens, uma ainda agarrada aos conceitos antigos do saber dos livros, outra possuidora do conhecimento feito de experiência e de observação.

Faz uma descrição rigorosa das plantas e da sua utilização na medicina, criticando ao mesmo tempo os escritores clássicos e aqueles que os repetem sem sentido crítico. Defende a necessidade de rigor na descrição dos fenómenos da natureza e a importância da experiência como fonte de verdadeiro conhecimento.



### D. João de Castro

Autor de vários *Roteiros*, em que não se limita a descrever as viagens e as terras por onde passa, mas onde revela grandes conhecimentos de cosmografia, exalta o espírito de investigação e a importância da experiência, critica a ciência livresca.



# DESENVOLVIMENTO LITERÁRIO EM PORTUGAL SÉCULOS XV E XVI



**A** literatura participa activamente na transformação da sociedade portuguesa dos séculos XV e XVI: reinventa a sua estética, formas e géneros, e desenvolve a língua portuguesa.

Ainda que se mantenha essencialmente num contexto da corte, emerge a literatura de cordel e a popularização de autores como Gil Vicente, com a introdução da tipografia no final do século XV.

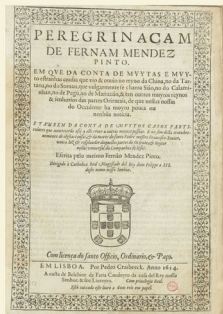
Séculos marcados pela expansão marítima – narrada, discutida, celebrada e criticada em obras como *Os Lusíadas* ou, mais tarde, *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto –, estes são também os séculos em que a observação e a experiência se tornam o ponto de partida da criação. Atitude fundamental para compreender a obra de Luis de Camões, na qual o «saber de experiência feito» assume grande centralidade.

Ao mesmo tempo que Portugal inicia o seu processo de expansão, incentiva-se, no contexto da corte, uma abertura cultural ao Renascimento italiano e, mais tarde, ao Maneirismo, passando a estar presente a reflexão em torno da condição humana e do belo. Intensifica-se assim a cultura literária, nomeadamente através da introdução do soneto e do decassílabo heróico por Sá de Miranda e da estética petrarquista, e uma abordagem humanista da ciência e das artes.

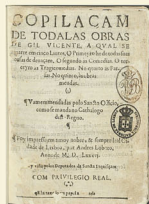


Restante: mais antigo livro impresso em Portugal, em hebraico (com impresso coadjuvado no prelo de Samuel Caçón, em Faro em 30 de Junho de 1487)

Camões, como expoente máximo da criação de uma linguagem própria, permeada pelos modelos petrarquistas, pelo Maneirismo, contribui decisivamente para esta direcção, captando e expondo as contradições sociais e enaltecendo a experiência material, ao mesmo tempo que desenvolve a língua, os géneros e a cultura literária.



Putativo retrato de Fernão Mendes Pinto no retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada



Sá de Miranda



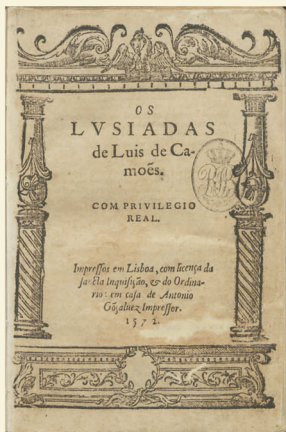
# OS LUSÍADAS



**O**s *Lusíadas* – obra em que a assombrosa cultura humanista do poeta mais se manifesta – são uma epopeia com um carácter profundamente original. Trata-se da primeira grande epopeia escrita por um homem que viveu poucas décadas depois dos acontecimentos que narra – a viagem de Vasco da Gama – e que, «cum saber só d’experiências feito» (*Os Lusíadas*, IV, 94), conheceu grande parte dos lugares que essa viagem percorre. Por outro lado, sendo o maior poema épico do Maneirismo, *Os Lusíadas* são também um texto que representa o crepúsculo de um género, a epopeia, desviando-se deliberadamente de algumas das características importantes dos modelos clássicos.

Dando expressão crítica a grandes questões da vida humana, individual e social (sentido patriótico, ímpeto descobridor, ilusão da fama e da glória, tensão entre poderosos e mais fracos, mau e bom governo, guerra e suas trágicas consequências, relação com o outro, amor e desejo...), *Os Lusíadas* patenteiam uma limpidez sintáctica, de influência latinizante, e um sem número de achados estilísticos que influenciam até hoje muita da grande poesia portuguesa que se lhe seguiu.

A 24 de Setembro de 1571, Luís de Camões obteve, após um processo de censura e revisão pela Inquisição, o alvará régio de licença para fazer imprimir *Os Lusíadas*.



Frontispício da 1.ª edição de *Os Lusíadas*, 1572



Seguiram-se muitas outras edições de *Os Lusíadas* em língua portuguesa (e em outras línguas), muitas delas objecto de censura pela Inquisição ou pelos poderes dominantes em diversas épocas, com destaque para o regime fascista, que censurou certos trechos para uso nas escolas.

... nesta cidade de Lisboa, ...  
 Oitava rima chamada Os Lusíadas, que con-  
 tem dez cantos perfeitos, na qual por ordem  
 poetica em versos se declarão os principaes fei-





**P**arte fundamental da obra camonianiana é a sua lírica: sonetos, canções petrarquistas, élogos, odes, elegias, composições em oitava rima, uma sextina, outros pequenos poemas líricos incluindo as redondilhas – cabendo nestas últimas alguns dos mais populares, graciosos e, por vezes, até bem-humorados poemas de Camões. Entre outras, as «Trovas» a Bárbara, «Descalça vai para a fonte...», «Verdes são os campos» ou «Perdigão perdeu a pena...», que exploram criativamente um veio lírico tradicionalizante que vem da Idade Média e se plasma no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

Sob influência do neoplatonismo, inscrito também ele na tradição petrarquista, mas muitas vezes superando-o, sonetos e canções – que compaginam sinceridade e convenções poéticas – espelham uma funda e genuína reflexão sobre o amor, seus êxtases, escolhos e contradições e sobre a própria condição de uma voz e de um corpo que amam e se debatem com as tensões entre o desejo, a ausência da amada e a relação entre amor terreno e amor divino.



A funda reflexão sobre a existência humana e o desconcerto do mundo, sobre a passagem do tempo e sobre uma vida marcada amiúde pelo infortúnio, consciente dos seus «erros» mas também das injustiças sofridas, atravessa as esplendorosas canções, odes e oitavas do autor de admiráveis redondilhas como «Sóbolos rios...».

De Luis de Camões. 21  
SONETO 80.

Como quando do mar tempestuoso  
o Marinheiro laílo, & trabalhado,  
D'hum naufragio cruel ja faleo anado  
Sô ouuir falar nelle effaz medloso  
E jura qu' em que veja bonnoçeo,  
o violento mar, & follegado,  
Nam entre nelle mais, mais vuy foitado  
Pollo muito interesse cubioçoso,  
Assi, fenhora, eu, queda tormenta  
De vofa viíta fujo por falar me,  
Jurando de não mais em outra verme,  
Minh'alma que de vos nunqua s'auenta,  
D'ame por preço veruos, fiz tornar me,  
D'onde fugi tão perto de perder me.

SONETO 81:

A Mor he hum fogo qu' arde sem fe vez,  
He fer ta que doe & não fe sente,  
He hum contentamento desconcente,  
He dor que delatina sem doer,  
He hum não querer mais que bem querer  
He hum andar solitario entre a gente,  
He nunca contentarfe de contente,  
He hum cuidar que ganha em se perder,  
He querer estar preso por vontade,  
He feruir a quem vence o vencedor  
He ter com quem nos mata lealdade,  
Mas como caular pode fer favor,  
Nos corações humanos amizade,  
Se tam contrario a si he o mesmo Amor

SONETO

RHYTHMAS  
DE LVIS DE CAMOES,  
Dividido em cinco partes.  
Deprimas em Inquisição de Camões Continbo.

Impressas com licença da sancta Inquisição.  
Por Pedro Crasbeeck, Anno de M. D. XCVIII.  
A culta de Esteuio Lopez mercador de libros,  
Com Privilégio.

T. NORTON

Missa de Luis de Camões  
QUARTA PARTE,  
DAS REGOGLAS.

REGOGLA PRIMEIRA  
RHYTHMAS DE LVIS DE CAMOES,  
Dividido em cinco partes.  
Deprimas em Inquisição de Camões Continbo.

Impressas com licença da sancta Inquisição.  
Por Pedro Crasbeeck, Anno de M. D. XCVIII.  
A culta de Esteuio Lopez mercador de libros,  
Com Privilégio.

T. NORTON

Missa de Luis de Camões  
QUINTA PARTE,  
DAS REGOGLAS.

REGOGLA PRIMEIRA  
RHYTHMAS DE LVIS DE CAMOES,  
Dividido em cinco partes.  
Deprimas em Inquisição de Camões Continbo.

Impressas com licença da sancta Inquisição.  
Por Pedro Crasbeeck, Anno de M. D. XCVIII.  
A culta de Esteuio Lopez mercador de libros,  
Com Privilégio.

T. NORTON

Missa de Luis de Camões  
TERCEIRA PARTE,  
DAS REGOGLAS.

REGOGLA PRIMEIRA  
RHYTHMAS DE LVIS DE CAMOES,  
Dividido em cinco partes.  
Deprimas em Inquisição de Camões Continbo.

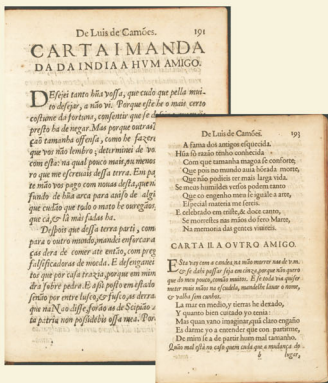
Impressas com licença da sancta Inquisição.  
Por Pedro Crasbeeck, Anno de M. D. XCVIII.  
A culta de Esteuio Lopez mercador de libros,  
Com Privilégio.

T. NORTON

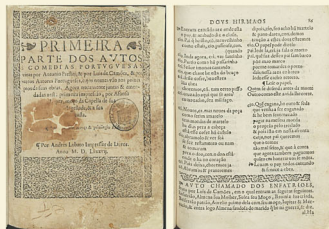
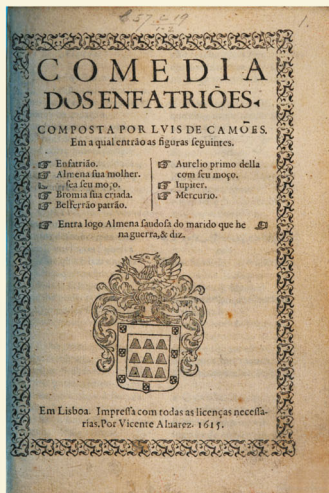
# TEATRO E CARTAS

Completam a imensa produção de Luís de Camões os versos e segmentos de prosa das três comédias *Filodemo*, *Enfatriões* e *El-Rei Seleuco*, bem como um pequeno conjunto de cartas.

Inspiradas em textos anteriores, de autores clássicos, mas marcadas pela liberdade de criação pessoal e pela personalidade literária do seu autor, as três peças de Camões, fazendo uso da redondilha, são devedoras ainda da herança vicentina. E, a par do pendur lírico de várias passagens e da presença do cómico, evidenciam aspectos que são comuns à épica e à lírica, designadamente no plano temático: desconcerto, desencontro amoroso, questões psicológicas ligadas à vivência do amor, entre outros elementos, aos quais importa juntar os habituais achados expressivos que singularizam a escrita camonianiana.



As cartas que nos chegaram revelam, sobretudo, a faceta mais humana e boémia, por vezes contraditória, do poeta e das suas relações, facultando assim, enquanto escritos autobiográficos, elementos úteis para a reconstituição de uma vida que continua a fascinar-nos, mas da qual ainda pouco sabemos.



# CAMÕES E A LÍNGUA PORTUGUESA

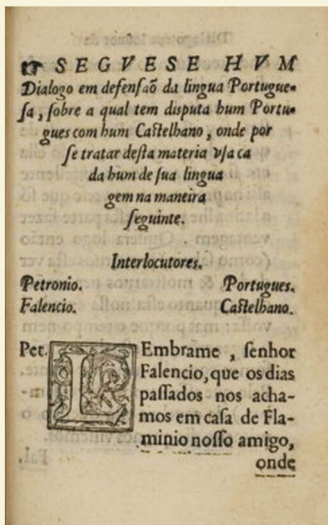
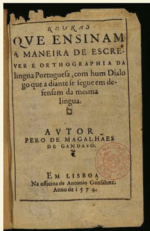


**E**mbora o Português já apresentasse uma base sólida desde o século XIII, foi no século XVI que, sob a influência de figuras entre as quais avulta Camões, se consolidou como uma língua moderna e rica. Camões não apenas utilizou o léxico e as estruturas disponíveis, mas também inovou, criando novas palavras e arranjos sintáticos, tornando a língua apta para expressar as complexidades emocionais e temáticas da época. Os *Lusiadas* são um testemunho da mestria com que manipulou a língua, incorporando elementos do latim, inspirando-se em autores clássicos e também escritores castelhanos das primeiras gerações renascentistas.

Apesar de a proximidade entre o Português e o Castelhanos facilitar o bilinguismo, gerou tensões que levaram autores e gramáticos (por exemplo: João de Barros, *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, 1540; Pêro de Magalhães de Gândavo, *Diálogo em defesa da lingua portuguesa*, 1574) a reivindicarem a singularidade do Português, com a necessidade de afirmar-se como língua de cultura. Camões emerge aqui como uma figura central, pela sua produção literária mas também pela sua capacidade de fazer o Português destacar-se como uma língua de prestígio e expressão literária.



João de Barros



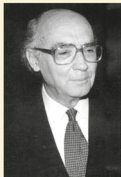
Camões não apenas transformou a língua portuguesa numa grande língua literária como estabeleceu um modelo de criação poética que influenciou gerações posteriores. É um verdadeiro renovador da língua, dotando o Português de uma identidade própria, capaz de dialogar com as complexidades do mundo.



Carta do Extremo Oriente e Insulindia, no Atlas de Fernão Vaz Dourado

# CAMÕES NA LITERATURA PORTUGUESA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Obra de Luís de Camões estabeleceu um terreno fértil para a análise crítica e o tratamento poético em muita da criação literária posterior até à contemporaneidade. Transversal a diversas épocas e movimentos estéticos, Camões vai pontuando a literatura portuguesa, da poesia ao ensaísmo, a partir de autores que o repensam na sua própria abordagem dialéctica, como Oscar Lopes ou Manuel Gusmão; de autores que a ele se dirigem directamente, como Bocage ou Jorge de Sena; ou autores que interagem com temáticas camonianas, como Sophia de Mello Breyner, Eugénio de Andrade, José Saramago ou Aquilino Ribeiro, que o biografou. A influência de Camões transcende, em todos estes autores, a simples admiração, sendo antes a referência que anima a invenção estética e formal e a crítica social, evidenciando a complexidade do legado camoniano nos diferentes momentos de reflexão sobre identidade nacional, a condição humana, as contradições do desconcerto do mundo e a resistência do povo.



*Quem pode ser no mundo tão quieto  
Que o não movem nem o clamor do dia  
Nem a cólera dos homens desabilitados  
Nem o diamante da noite que se estilhaça e voa  
Nem a ira, o grito ininterrupto e suspenso  
Que golpeia aqueles a quem a voz cegaram  
Quem pode ser no mundo tão quieto  
Que o não mova o próprio mundo nele*

(Manuel Gusmão  
*Migrações do Fogo*, excerto)

*Irás ao Paço. Irás pedir que a tença  
Seja paga na data combinada  
Este país te mata lentamente  
Este que tu chamaste e não responde  
País que tu nomeaste e não nasce*

(Sophia de Mello Breyner  
«Camões e a Tença»)

*Como tu, junto ao Ganges sussurrante,  
Da penúria cruel no horror me vejo;  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
Também carpindo estou, saudoso amante.*

(Bocage  
«Camões, Grande Camões, quão Semelhante»,  
excerto)



# UMA MENSAGEM PARA O NOSSO TEMPO A LUTA PELA LIBERDADE DE PENSAMENTO

**C**amões viveu praticamente toda a vida sob a sombra ameaçadora da Inquisição, de que foram vítimas vários intelectuais seus contemporâneos (Damião de Góis, Garcia de Orta...).

Com efeito, a Inquisição (Tribunal do Santo Ofício) foi estabelecida em Portugal em 1536, teria Camões 12 anos, e introduzida em Goa em 1560, poucos anos após a chegada do poeta à Índia.

Os *Lusiadas*, como todos os livros, tiveram de sujeitar-se à censura prévia. Existem fundadas suspeitas de que o texto finalmente aprovado não corresponde ao manuscrito original. Edições posteriores (a edição «dos Piscos», de 1584, e a de 1591) contêm adulterações, e em 1640 o poema é mesmo proibido pela Inquisição de Coimbra.

A censura coarctava o pensamento e procurava formatar as consciências segundo as normas religioso-ideológicas vigentes.

Em sentido oposto, a obra de Luís de Camões dá expressão aos ventos da mudança que sopram contra a opressão e o obscurantismo.

**Por ocasião do III Centenário da morte de Camões, em 1880, as forças republicanas, perante o alheamento do rei e do seu governo, impuseram uma genuína homenagem e uma valorização do poeta, que contou com larga participação popular.**



1531  
D. João III requer ao Papa o estabelecimento da Inquisição em Portugal

1536  
Estabelecimento da Inquisição

1540  
O Santo Ofício inicia a censura. Primeiros autos-de-fé

1541  
O Tribunal da Inquisição é estabelecido no Porto

1545  
Damião de Góis é denunciado à Inquisição

1547  
Primeiro índice português de livros proibidos

1549  
Os professores do Colégio das Artes, em Coimbra, são vítimas de um processo inquisitorial

1560  
Catarina de Áustria (viúva de D. João III e regente do reino) obtém licença papal para introduzir em Goa o tribunal do Santo Ofício

1571  
Processo de Damião de Góis instaurado pela Inquisição

1580  
Início do domínio filipino

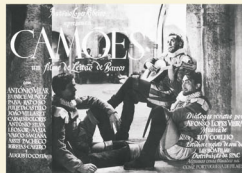


Évora, Palácio da Inquisição. Actual – Fundação Eugénio de Amorim



Inauguração da estátua de Camões em Lisboa, no III Centenário da sua morte (1880).

Em condições diferentes, no século XX o fascismo português procurou utilizar a figura e a obra de Camões, e particularmente *Os Lusíadas*, como meio de controlo ideológico, para propagandar o nacionalismo fascista e a sua concepção colonialista.



Aproveitamento da obra de Camões pelo regime fascista. Cartaz de filme realizado por Lúcio de Barros e produzido por António Lopes Ribeiro



# A EXALTAÇÃO DO POVO E DA PÁTRIA



O patriotismo de Camões ecoa em toda a sua obra. *Os Lusíadas* não são apenas a epopeia da expansão marítima mas também uma reflexão sobre a sociedade do seu tempo, marcada por contradições e injustiças.

Camões celebra a identidade portuguesa, canta a «ditosa pátria minha amada». Porém, não encara a Pátria numa relação de serviço, mas antes de amor. Ao mesmo tempo, ergue-se contra as injustiças da sociedade.

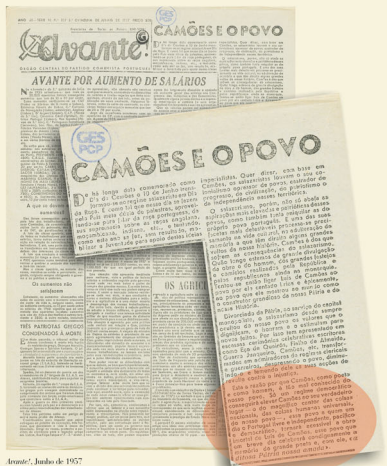
*Os Lusíadas* são o poema nacional, porque os seus heróis privilegiados são os lusíadas ou portugueses – e não este ou aquele português somente e, muito menos, este ou aquele rei ou chefe – e porque, mais do que qualquer outra obra escrita, marca indelivelmente o curso da Língua Portuguesa.

É, entre tantos exemplos, o que Camões exalta na estrofe 10 do Canto I de *Os Lusíadas*:

Vereis amor da Pátria, não movido  
De prêmio vil, mas alto e quasi eterno;  
Que não é prêmio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno.  
Ouvi: vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno,  
E julgareis qual é mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ou no episódio em que Vasco da Gama se dirige ao rei de Melinde:

Esta é a ditosa pátria minha amada,  
À qual se o Céu me dá que eu sem perigo  
Torne, com esta empresa já acabada,  
Acabe-se esta luz ali comigo.



Avante!, Junho de 1957

Não certamente por acaso, Camões foi ao longo de séculos invocado na defesa da soberania, na defesa duma identidade nacional e consciencialização colectiva, na luta pela emancipação social.

Valores que estiveram presentes na restauração da independência em 1640, na implantação da República em 1910 e, em particular, na Revolução de Abril.

Valores que nortearam igualmente o Partido Comunista Português em mais de cem anos de luta ao serviço dos trabalhadores, do povo e da Pátria.

Como afirmou Álvaro Cunhal: «Camões é a voz do nosso povo, dos lusíadas, a voz da insubmissão ante os privilégios, a voz do progresso social e científico, a voz da nação portuguesa, num elevado sentido humanista».



# APROPRIAÇÃO DA OBRA DE CAMÕES, PATRIMÓNIO COMUM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Foi tão determinante a influência de Camões na construção, consolidação e projecção da língua portuguesa que, ainda hoje, em certos fragmentos de conversação, se escutam palavras que servem de arrimo na comunicação do dia-a-dia, que por vezes são convertidas em ditos sentenciosos e das quais muita gente se chega a socorrer em interacções argumentativas. Entre tantos outros exemplos, atente-se em expressões como: «mudam-se os tempos, mudam-se as vontades», «outro valor mais alto se alevanta», «vi, claramente visto», «se a tanto me ajudar o engenho e arte», «vinde cá, meu tão certo secretário», «aqueles que por obras valerosas / se vão da lei da morte libertando», «esta é a ditosa pátria minha amada», «onde a terra se acaba e o mar começa», «ó glória de mandar! Ó vã cobiça», «a vida pelo mundo em pedaços repartida», «um bicho da terra tão pequeno», «uma austera, apagada e vil tristeza», «erros meus, má fortuna, amor ardente», «amor é um fogo que arde sem se ver»...



Manifestação de escritores em Lisboa, 23 de Junho de 1974



É este sentido de uso da língua, como valor cultural ao serviço do povo, como factor de identidade nacional – que Fernando Pessoa traduzia na expressão «a minha Pátria é a Língua Portuguesa» –, a que Luís de Camões deu um impulso universal, que faz dele a maior figura literária da Língua Portuguesa de todos os tempos e genial património da Humanidade.

Desenho de António Carneiro



# A DENÚNCIA E O COMBATE À OPRESSÃO AO PODER DO DINHEIRO, ÀS DESIGUALDADES E INJUSTIÇAS



**L**uís de Camões, seja na epopeia, seja na lírica, crítica o «desconcerto do mundo» e – malgrado a sua visão aristocrática e as suas contradições ideológicas – não cala a crítica aos poderosos, à vaidade, à ambição desmedida e à decadência moral, ao poder do dinheiro, ao esmagamento dos mais fracos e do povo, e mesmo à crueldade da guerra e ao seu poder destruidor. Denuncia as desigualdades e injustiças e chega a defender que todo o trabalho deve ser pago (inclusive o suor da servil gente).



Retrato de Camões na prisão de Goa, desenhado anónimo do século XVII (?)

Lázaro à porta do rio,  
Hennrich Algrever, 1554

Vê que aqueles que devem à pobreza  
Amor divino, e ao povo caridade,  
Amam sòmente mandos e riqueza,  
Simulando justiça e integridade;  
Da feia tirania e de aspereza  
Fazem direito e vã severidade;  
Leis em favor do Rei se estabelecem,  
As em favor do povo só perecem.

(Os Lusíadas, Canto IX, 23)

Este [o dinheiro] rende munidas fortalezas:  
Faz trédores e falsos os amigos;  
Este a mais nobres faz fazer vilezas,  
E entrega Capitães aos inimigos;  
Este corrompe virginais purezas,  
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;  
Este deprava às vezes as ciências,  
Os juízos cegando e as consciências.

(Os Lusíadas, Canto VIII, 98)



A mundividência de Camões, inspirada no pensamento humanista do Renascimento, ainda que naturalmente enformada pelos moldes ideológicos da sua época, enfatiza os ideais, a que o próprio Rei deve submeter-se, da responsabilidade cívica e do primado da justiça, de leis que sirvam o bem comum, contrapondo-as ao privilégio que favorece poucos em detrimento de muitos.





# CAMÕES E A JUVENTUDE DE HOJE

O contacto da juventude com a obra de Camões tem uma relevância singular na formação integral de cada um, que não se esgota na formação escolar e académica. Contactando, conhecendo, fruindo e valorizando a obra de Camões, a juventude adquire uma melhor compreensão do passado e, ao mesmo tempo, uma fonte de inspiração para as lutas do presente com projecção no futuro.

Os bons vi sempre passar  
No mundo graves tormentos;  
É para mais me espantar,  
Os maus vi sempre nadar  
Em mar de contentamentos.

Tão errado seria olhar para Camões e exigir-lhe concepções, formas de estar, ideias e valores a que só muitos séculos mais tarde

a humanidade chegou, como ignorar as condições em que a sua obra foi manipulada pelas classes dominantes para justificar e promover um regime fascista e colonial, responsável pelo sofrimento dos povos através da guerra e da opressão.

Muito pelo contrário, pois também em sua obra encontramos a evocação da diferença dos povos, a curiosidade pelo outro e a crítica às guerras.

Destarte me chegou minha ventura  
a esta desejada e longa terra,  
de todo o pobre honrado sepultura.  
Vi quanta vaidade em nós se encerra,  
e dos próprios quão pouca: contra quem  
foi logo necessário termos guerra.  
Que ãa ilha que o rei de Poreá tem,  
que o rei da Pimenta lhe tomara,  
fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.  
Com ãa armada grossa, que ajuntara  
o vizo-rei de Goa, nos partimos  
com toda a gente d'armas que se achara,  
e com pouco trabalho destruímos  
a gente no curvo arco exercitada:  
com mortes, com incêndios, os punimos.  
Era a ilha com águas alagada,  
de modo que se andava em almadias:  
enfim, outra Veneza trasladada.

(Esparsa sua ao desconcerto do mundo,  
*Rimas*, excerto)

M.F.A. Campanha de dinamização cultural



Muito prazer em conhecer voalências

Desenho de João Mel Matta

Quinhentos anos volvidos, apesar da evolução da vida e de claras diferenças, a juventude continua a ter direito a ver em Camões o notável poeta que foi, o seu espírito socialmente atento e inconformado com as injustiças e desigualdades.



# COMEMORAR CAMÕES, LEVAR A SUA OBRA AOS TRABALHADORES E AO POVO



**A** mensagem que Luís de Camões nos deixou perdura na actualidade e projecta-se no futuro. Quer na epopeia *Os Lusíadas*, quer na sua obra lírica, quer mesmo no teatro e nas cartas, há valores que nos inspiram na luta pela liberdade, pela soberania e independência nacionais, contra as injustiças e as desigualdades, pelo acesso do povo à criação e fruição da cultura, na luta pela paz, amizade e cooperação entre os povos, pela afirmação do poder da razão ao serviço do desenvolvimento.

A contracorrente dos governantes da época, por ocasião das comemorações do IV Centenário da morte de Camões (1980), o PCP desenvolveu um programa amplo, de que se salienta diversas iniciativas editoriais, um espectáculo e uma grande exposição, visando levar a largas camadas do povo português um maior conhecimento e fruição da obra de Camões.

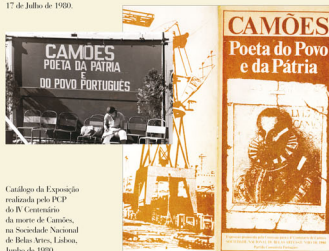
De novo, em 2024-2025, volta a ser esse o sentido da acção do PCP na concretização de um vasto programa de comemoração do V Centenário do seu nascimento.



Sessão Público-Cultural «Camões, poeta do povo num mundo em mudança», Lisboa, 23 de Agosto de 2024.  
Em cima: Paulo Raimundo, Secretário-Geral do PCP



Arenas',  
17 de Julho de 1980.



Catálogo da Exposição realizada pelo PCP do IV Centenário do mestre de Camões, na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Junho de 1980



*Amor é um fogo que arde sem se ver.*  
Espectáculo de Hélder Mateus da Costa e Maria do Céu Guerra, Avante!, Festa do Anacleto!, 2024

Luís de Camões é figura cimeira do Renascimento português e da literatura universal, e a sua obra é património do nosso povo e da Humanidade. Contribuir para o seu conhecimento e apropriação pelos portugueses, designadamente os trabalhadores, insere-se inteiramente na concepção de democracia cultural que o PCP defende e pela qual luta.

